

A DONZELA E O DRAGÃO

Capítulo I

Já fazia algum tempo que ouvia os ruídos da batalha. Porém, como de costume, ignorava-os. As guerras dos homens não significavam nada para ele. Mas aquele barulho do lado de fora de sua caverna? Bem, isso o impulsionava a agir.

Espreguiçando-se, ele se moveu devagar até a entrada do covil. Não sabia o que esperar, e provavelmente nem se importava, mas estava muito entediado, e aquilo poderia ser interessante. No mínimo, conseguiria um jantar.

A lâmina penetrou a lateral do corpo de Annwyl, atravessando a armadura e a carne, e atingindo os órgãos. O sangue jorrou, e ela soube que estava morrendo. O soldado sorriu ao ouvir seu grito de dor, o que trouxe à tona a lendária ira pela qual se tornara famosa. Ela ergueu a espada e, com um berro de fúria, brandiu-a. O aço cortou o ar e atingiu o homem, separando a cabeça do pescoço. O sangue salpicou seu rosto e seus braços. Os outros soldados se detiveram. Haviam se livrado do pequeno grupo de guerreiros que a acompanhavam, encurralando-os naquele vale estreito e profundo. Mas Annwyl jamais proporcionara um caminho fácil para o golpe fatal. Pelo menos, até o momento.

Sabia que seu tempo estava acabando. A visão ficou turva, e ela se sentia mais fraca a cada instante. Esforçou-se para respirar. Lutaria até o fim. Ergueu a espada e, segurando a empunhadura com as duas mãos cobertas de sangue, aguardou o ataque seguinte.

Um dos homens deu um passo à frente. Pela expressão do inimigo, soube que era ele quem queria cortar-lhe a cabeça e

entregá-la ao seu irmão. Isso serviria como um troféu e um aviso aos que ousassem questionar o reinado dele.

Observou-o aproximar-se lentamente. Era evidente que ele sabia que estava morrendo e que não aguentaria lutar por muito tempo. Suas pernas começaram a tremer conforme sua força diminuía. Seu corpo ansiava por deitar um pouco, apenas por alguns minutos...

De repente, abriu os olhos, que fechara por instantes, e percebeu que o homem estava muito próximo. Desferiu um golpe, que ele aparou com com facilidade. Viu-o sorrir, e pensou que venderia a alma por um pouco de força só para apagar aquele sorriso presunçoso.

O soldado olhou para os companheiros que estavam atrás dele para certificar-se de que todos veriam quando a matasse. Porém, nesse momento, ele baixou a guarda. E uma coisa que Annwyl aprendera com o pai foi nunca deixar uma oportunidade óbvia passar. Atravessou-o com sua espada, enterrando o aço no estômago do inimigo, que se virou para fitá-la com horror. Por segurança, torceu a lâmina cravada nas vísceras dele, observando, com satisfação, a morte do adversário.

Annwyl puxou a espada, e o corpo caiu. Sabia que aquela seria sua última batalha, mas ela pereceria com a espada erguida. Voltou-se na direção do restante dos soldados. No entanto, para sua surpresa, eles não lhe deram atenção. Olhavam para além dela. Para a caverna diante da qual se encontrava.

Ela tentou imaginar qual seria o truque. Não desviou o olhar dos homens à frente, nem quando o chão tremeu sob seus pés, nem quando eles se afastaram, horrorizados, e nem mesmo quando a gigantesca sombra bloqueou o sol.

Apenas quando os soldados começaram a gritar e a correr, ela olhou para cima e avistou as escamas negras. E quando as escamas se moveram, devido à inspiração profunda de gigantescos pulmões, ela voltou o olhar para os soldados em fuga.

Um jato de fogo atravessou o vale, destruindo árvores, flores e homens. Usando a própria espada como muleta, ela observou os soldados inimigos sendo tragados pelas chamas, os corpos retorcendo-se enquanto tentavam conter o fogo que os consumia.

Sentiu-se satisfeita, mesmo sabendo que seria a próxima.

Quando os gritos se extinguíram, Annwyl olhou para cima. O dragão a encarava com curiosidade, mas não fez menção de aniquilá-la.

— Eu o temeria, lorde Dragão... — ela disse enquanto era abandonada pela pouca força que lhe restava. Caiu, apoiando-se em um joelho, sem deixar de segurar a espada ensanguentada. — Se não estivesse morrendo. — Deu um amargo meio sorriso. — Desculpe-me por negar-lhe esse prazer. — Tossiu, e o sangue escorreu pelo queixo até a armadura de aço polido.

Seu corpo esparramou-se no chão. Em seguida, ela percebeu que estava em movimento. Não sabia se sua alma pairava sobre a terra de seus antepassados ou se voava para dentro da boca da besta. De qualquer modo, abandonara a vida.

Annwyl ouviu gemidos incessantes e altos e levou alguns minutos para perceber que era dela que partia o som. Esforçou-se para abrir os olhos. Sabia que estava deitada em uma cama e que tinha o corpo nu coberto por peles de animais. Ouvia a crepitação de uma fogueira e sentia o calor. Não fazia ideia de onde se encontrava ou de como chegara ali. Em sua última lembrança... havia morrido. No entanto, sentia dor demais para estar morta.

Quando a visão melhorou, percebeu que estava em um quarto com paredes de pedra. Piscou várias vezes, tentando conter o pânico ao notar que se tratava de uma caverna.

— Pelos deuses... — ela sussurrou.

— Bom... Você acordou.

Ela engoliu em seco, rezando para que aquilo fosse uma brincadeira cruel. Ao apoiar-se nos cotovelos, ouviu de novo a voz profunda.

— Cuidado. Você não quer desfazer as suturas.

Apavorada, Annwyl olhou por sobre o ombro e não conseguiu desviar o olhar. Lá estava ele. Um enorme dragão negro, com as asas junto ao corpo. A luz da fogueira fazia as escamas negras reluzir. A gigantesca cabeça descansava sobre uma das patas. Ele parecia tão casual! Podia jurar que exibia um sorriso

malicioso. Era uma criatura esplêndida. Mesmo assim, não deixava de ser um monstro.

— Quer dizer que dragões podem falar? — *Brilhante, Annwyl!* Contudo, não sabia o que mais poderia dizer.

— Sim. Meu nome é Fearghus.

— Fearghus? — Ela refletiu por um instante. Em seguida, foi consumida pelo medo. — Fearghus... o Destruidor?

— É assim que me chamam.

— Mas você não é visto há anos. Pensei que fosse um mito.

— Eu pareço um mito?

Annwyl encarou a gigantesca besta, maravilhada com o tamanho. O corpo era coberto por escamas negras, e havia dois chifres também negros no topo da cabeça imponente. Uma crina de pelo negro e sedoso caía sobre a testa e descia pelas costas, quase tocando o chão.

— Não. Você parece bastante real.

— Bom.

— Ouvi histórias sobre você. Destruí vilarejos inteiros.

— De vez em quando.

Ela desviou o olhar, perguntando-se como os deuses podiam ser tão cruéis. Em vez de permitir que morresse em batalha, como uma verdadeira guerreira, tinham deixado que ela acabasse servindo de banquete para uma besta.

— E você é Annwyl, da Ilha de Garbhán. Annwyl, da Planície das Trevas. E também Annwyl, a Sanguinária.

Ela se encolheu ao ouvir isso. Detestava a denominação.

— Você arranca a cabeça dos homens e banha-se no sangue deles — ele prosseguiu.

— Eu não faço isso! — Encarou-o. — Quando se arranca a cabeça de um homem, o sangue jorra. Porém, não me banho em nada além de água.

— Se você diz.

A calma dele colocou-a na defensiva.

— E eu não corto a cabeça de qualquer homem. Apenas as dos inimigos da Planície das Trevas. Dos homens do meu irmão.

— Ah, sim. Lorcan. O Açougueiro da Ilha de Garbhán. Parece-me que, se você simplesmente arrancasse a cabeça

dele, a guerra chegaria ao fim.

Annwyl cerrou os dentes.

— Você acha que eu nunca pensei nisso? Que eu não o mataria, se tivesse chance? — Ao perceber que o dragão não respondia, sua fúria aumentou. — O que você acha?!

Ele se espantou com a explosão repentina.

— Você sempre fica furiosa quando fala de Lorcan?

— Não! — ela vociferou. — Sim! — Suspirou. — Às vezes.

Ele riu, fazendo-a ter vontade de gritar. O riso não era desagradável, mas conversar com um dragão... Talvez estivesse enlouquecendo.

A besta moveu-se devagar, entrando um pouco mais no quarto. Mesmo assim, ela avistava apenas a metade dele sem virar a cabeça. O restante permanecia do lado de fora do aposento. Imaginou como ele seria por inteiro.

— Por que eu não estou... morta?

— Você estaria, se eu não a tivesse encontrado.

— Por que você me salvou?

— Não sei. Você... me fascina.

— O quê? — Comparada a um dragão, ela não era nada. Apenas um ser humano.

— Sua bravura é fascinante. Quando me viu, não tentou fugir como os outros homens.

— Eu já estava morrendo.

— Não importa. Você deveria ter corrido para salvar sua vida ou se ajoelhado e implorado por misericórdia.

— Não me ajoelho para ninguém! — ela disse sem pensar.

Fearghus riu. Um som suave e agradável, como a voz. Era uma pena pertencer a um monstro.

— Vou me lembrar disso.

O dragão ria ao mover o corpo para sair dali. Ela observou a cauda arrastando-se pelo chão. A ponta fina arranhava as pedras. Tentou não entrar em pânico quando percebeu que só a cauda tinha o comprimento de dois dos mais altos homens de seu batalhão.

— Vou enviar alguém para ajudá-la e alimentá-la.

— Um homem?

— O quê? — O dragão bateu a enorme cabeça no teto.

Annwyl encolheu-se na cama. Aquilo não passara de um sonho.

— Nada, estou cansada.

— Então, é melhor que durma.

— Espere! — Quando ele olhou por sobre o ombro, Annwyl respirou fundo. — Obrigada por ter me salvado.

— De nada, bela donzela. — Começou a caminhar de novo. — Porém, não fique muito confortável. Quem sabe o que eu vou querer como retribuição pela minha gentileza.

Annwyl voltou a deitar-se e sentiu um arrepio. Desejou que a sensação fosse provocada por medo ou repugnância, e preocupou-se com o fato de não parecer nenhum dos dois.

Fearghus esfregou a cabeça que acabara de bater. Tinha ouvido falar na fúria de Annwyl, a Sanguinária, mas não fazia ideia de como era intensa. O grito irado aproximava-se do poderoso rugido de um dragão.

Não era de admirar que ela ainda não tivesse derrotado o irmão. Sentia-se aterrorizada por ele. Isso era visível na reação à simples menção do nome de Lorcan. Se o enfrentasse, mesmo com o corpo curado, não conseguiria vencê-lo. Seria traída pelo próprio medo ou pela própria fúria.

Por algum motivo inexplicável, isso o preocupava. E quando começara a se importar com os humanos? Ao contrário de alguns da sua espécie, ele não os odiava, mas tampouco vivia entre eles. O plano inicial para a moça era curá-la e deixá-la no vilarejo mais próximo. Não gostava de complicações, nem de pessoas ao redor. Apreciava a paz e a tranquilidade. Porém, apenas pensar em abandoná-la em algum lugar o perturbava.

Já sabia que a situação se complicaria. E odiava complicações.

— Você está acordada.

Annwyl olhou para cima e viu uma mulher. Uma feiticeira, ela concluiu, baseada na cicatriz brutal que avistou na face que devia ter sido bela. Todas eram marcadas dessa forma,

por ordem de Lorcan.

— Deve ter adormecido depois que ele partiu. — Ela puxou as peles que a cobriam. — Vamos levantar.

Lentamente, Annwyl estendeu as pernas para fora da cama e, usando um braço, impulsionou-se para cima.

— Tome cuidado. Não queremos abrir aquela ferida.

Ela assentiu, esperando que a náusea que a atingira de repente passasse.

— Você tem muita sorte. A maioria dos dragões a transformaria em uma refeição, e não em uma hóspede.

— Eu sei. — Olhou de novo para a feiticeira. — Já vi você.

— Sim. Eu ajudo no vilarejo quando posso.

— A curandeira. Eu lembro. Não fazia ideia de que era amiga de dragões.

— Sou leal a eles.

Annwyl olhou para a cicatriz da mulher. Não era de surpreender que arriscasse a vida entre os dragões, em vez de permanecer com os homens.

— Meu irmão fez isso com você?

— Ele ordenou que fosse feito. — Ela colocou um manto em volta dos ombros nus de Annwyl.

Seu irmão odiava todas as feiticeiras. Principalmente porque eram mulheres. E ele odiava as mulheres.

— Lorcan sempre temeu a feiticeira que não compreende.

— Isso inclui você?

Annwyl riu com amargura enquanto se levantava.

— Meu irmão me compreende muito bem. É por isso que lutamos tanto.

— Vejo que você não escapou da punição dele. — A feiticeira apontou os vários ferimentos em suas costas.

— Não foi ele quem fez isso. — Apertou o manto aveludado contra o corpo. Adorava a suavidade do tecido sobre a pele marcada pela batalha. A mulher colocou um braço em volta de sua cintura e a conduziu até uma mesa com comida e vinho.

— Seu nome é... Morfyd, não é? — indagou, sentando-se.

— Sim.

— Você ajudou na minha cura?

— Sim.

— Agradeço a ajuda, Morfyd. De verdade.

— Fiz o que o dragão pediu. Mas se o trair...

— Não me ameace — Annwyl a interrompeu, sem desviar o olhar da comida. — Odeio isso. E você não precisa me recordar da dívida de sangue que tenho com o dragão. — Após tomar um gole de vinho, fitou-a. — Devo a ele minha vida. Jamais o trairia. — Colocou o cálice sobre a mesa e percebeu que Morfyd a encarava. — Algo errado?

— Não, apenas estou curiosa sobre você. — Morfyd puxou uma cadeira e sentou-se diante dela. — Ouí muito sobre seu irmão. Fico surpresa por você ainda estar viva.

Annwyl começou a comer o ensopado de carne, esforçando-se para não pensar muito sobre o tipo de carne que comia.

— Também me surpreende. Diariamente.

— Mas você salvou muitas pessoas. Libertou-as das masmorras. Ninguém tem coragem de desafá-lo — Morfyd observou.

— Bem, ele é meu irmão. Costumava atear fogo ao meu cabelo e atirar facas na minha cabeça. Enfrentá-lo em combate foi inevitável.

— Mas vocês viviam sob o mesmo teto até dois anos atrás. Todos ouviram histórias sobre a vida na Ilha de Garbhán.

— Meu irmão tinha outras preocupações após a morte do meu pai. Queria assegurar-se de que todos o temeriam. Não tinha tempo para preocupar-se com a irmã bastarda.

— Por que não casou você com alguém? Poderia formar uma aliança com outro reino.

Annwyl lembrou-se de lorde Hamish, da província de Madron, e de como quase se tornara esposa dele. O pensamento causava-lhe calafrios.

— Ele tentou. Mas os nobres viviam mudando de ideia.

— E você os ajudava nisso?

— Só um pouquinho.

Pela primeira vez, Morfyd sorriu.

Annwyl afastou a tigela vazia e bebeu mais vinho. Ficou espantada com seu apetite. Bem, espantava-se também por ainda estar respirando.

— Beba todo o vinho. Acrescentei algumas ervas que vão

curar você e evitar uma infecção.

— Que tipo de ervas? — indagou, olhando para o cálice.

A feiticeira levantou-se e recolheu a tigela vazia.

— Várias. É uma poção minha, que funciona muito bem. Também cura vermelhidão e previne a gravidez. Mas acho que isso não lhe interessa.

— Por que diz isso?

— Porque você é virgem.

Annwyl congelou. Aquilo não podia ser apenas uma suposição. Vivera com um exército de homens durante dois anos; todos achavam que tinha perdido a virgindade muito tempo atrás.

— Como sabe?

— Ele me disse.

Sabia que ela se referia ao dragão. Uma ira incontrolável preencheu seu peito.

— Dragão!

O grito foi tão alto que Morfyd afastou-se, quase tropeçando. O chão tremia conforme o dragão se aproximava.

— O que aconteceu?

Annwyl esforçou-se para ficar em pé, colocando a mão sobre o ferimento.

— Como você sabia? E pode me dizer a verdade!

— Sabia o quê? — Fearghus olhou para Morfyd, que se encolheu e saiu rapidamente. Quase correndo.

— Que eu sou virgem. Como você descobriu? — Não fazia ideia de quanto tempo dormira, desprotegida. Incapaz de impedir alguém de... Sacudiu a cabeça. Não podia nem pensar nisso!

— Foi por isso que você *exigiu* minha presença? Porque conheço seu profundo e sombrio segredo?

— Não porque você sabe. Mas *como* sabe.

Ele abaixou a cabeça para encará-la. Annwyl, enfurecida demais para raciocinar, não recuou. Considerando-se que a cabeça dele era do tamanho de seu corpo, e que ela era mais alta que a maioria dos homens, talvez devesse ter, ao menos, hesitado. Em vez disso, deixou a raiva dominá-la, como sempre.

— Então? Responda!

Diante do grito zangado, os olhos negros se estreitaram, e

as narinas tremeram.

— Posso sentir pelo seu cheiro que nenhum homem esteve com você. Que sua virgindade está intacta. Que você, bela donzela, é virgem.

Annwyl fitou-o, horrorizada.

— É mesmo? Pode sentir pelo meu cheiro?

— Não. Mas você fala demais enquanto dorme.

Ela revirou os olhos.

— Seu...

— Então você achou que, de algum modo, eu me aproveitei de você enquanto dormia?

— Bem... — ela se sobressaltou com a batida impaciente das garras no chão de pedra, enquanto ele aguardava a resposta —, passou pela minha cabeça. — Sentou-se em uma das cadeiras ao redor da mesa, fraca demais para ficar de pé. — Sinto muito. Só sei o que aprendi com meu irmão... e ele teria verificado.

A grande besta suspirou.

— Ouvi histórias sobre seu irmão. Não acha que deveria ter sido morto ao nascer?

— Quem me dera — ela disse, sorrindo. Então, olhou o caminho que teria de percorrer até a cama. Parecia tão longo, e ainda estava tão fraca...

— Aqui. — O dragão abaixou a pata com unhas afiadas e abriu-a. Garras negras do tamanho das pernas dela brilharam.

— Você só pode estar louco.

— Como acha que chegou até aqui?

— Sim, mas... — Lá estava ela de novo, tratando-o como um animal quando, durante o pouco tempo que haviam passado juntos, fora mais respeitada do que por qualquer homem do castelo do irmão.

Annwyl levantou-se e deu dois passos até a garra estendida. Com uma força de vontade que não sabia possuir, pisou sobre ela, tentando não imaginá-lo levando-a a boca, como um pedaço de comida. Ele a ergueu e esticou com gentileza o braço até a cama. Devagar, colocou-a sobre as cobertas de pele.

— É melhor que não tenha mais surtos de raiva até recuperar suas forças.

Sentada na cama, Annwyl observou-o sair da caverna.

Quando a longa cauda enrolou-se em sua perna, preocupou-se, por um breve instante, que a arrastaria pelo quarto. Em vez disso, sua perna foi acariciada. As escamas negras roçaram sua panturrilha. Em seguida, a cauda distanciou-se, desaparecendo com o dragão.

Lorcan, da Ilha de Garbhán, desviou o olhar para as ameias, observando os dois sóis pondo-se no oeste, e imaginou como sua irmã sempre escapava.

Não importava o que fizesse, ela não morria. E, quanto mais vivia, mais homens matava. Seus homens. Suas tropas. A quantidade de corpos sem cabeça que ela deixava para trás rivalizava com a sua. Ele obtivera esse resultado ao longo de trinta e um anos; a irmã acumulara os dela em pouco mais de dois.

Desejava tê-la matado quando tivera a chance. Ela tinha dez anos, e ele, catorze. Annwyl acabara de chegar e dormia tranquilamente. Ele segurava um travesseiro. Poderia sufocá-la, e ninguém saberia. Mas a menina despertara e, ao vê-lo, havia ficado cega de ódio. Fora recíproco. O pai encontrara-os rolando pelo chão, um tentando estrangular o outro. Não ficara contente e os fizera pagar por ter sido acordado.

Lorcan estremeceu ao lembrar-se da brutalidade da surra a que haviam sido submetidos. A irmã bastarda aparentemente vivera uma vida simples no vilarejo e recebera pouca ou nenhuma disciplina. A reação dela ao castigo tinha sido sua recompensa.

Não imaginava que alguém pudesse odiar tanto outra pessoa quanto ele a odiava. E a garota continuava fazendo-o passar por tolo. Muitos reinos entregavam a ela moedas de ouro e soldados para que fizesse o que todos almejavam, porém ninguém conseguia: matá-lo. Tomar seu trono.

Veria a cabeça dela empalada sobre os muros de seu castelo. E conseguira o aliado perfeito para ajudá-lo.

Ele nunca gostara muito de bruxas. Não lhe agradava a ideia de seres fracos como as mulheres terem aquele tipo de poder. Porém, tolerava os feiticeiros. E Hefaidd-Hen era exatamente do que precisava. Era apenas pagar bem que o homem lhe

daria o mundo. Provara ser digno de confiança durante os meses em que haviam sido aliados, mesmo ainda não tendo capturado sua irmã.

Lorcan ouviu o lamento do soldado preso ao chão, sob suas botas. Com um sorriso desdenhoso, pressionou ainda mais o pé sobre o pescoço. Aquele inútil falhara. Retornara sem a bastarda.

Olhou por sobre o ombro na direção dos tenentes, que o observavam, tentando esconder o medo. Mas ele podia senti-lo.

— Quero a minha irmã — rugiu e bateu o pé com força, quebrando o pescoço do homem. — Agora, saiam da minha frente! Todos saíram correndo.

Teria a irmã. Ele a veria morta, mesmo que para isso fosse necessário destruir meio mundo.

— Agora eu sei por que as mulheres no vilarejo a evitam. Ela é louca.

Fearghus acomodou seu enorme volume perto do lago subterrâneo.

— Ela não é louca, minha irmã. É zangada.

Morfyd sentou-se sobre uma pedra em frente ao irmão, envolvendo o corpo com um manto. Sua forma humana estava sempre com frio. Ainda assim, vivia entre os humanos. Todos acreditavam que era apenas uma feiticeira e curandeira. Mesmo quando Lorcan ordenara que seu rosto fosse retalhado, permanecera entre eles. Fearghus não compreendia os motivos.

Porém, pela primeira vez, ele precisara da irmã na forma humana. Os poderes dele apenas tinham mantido Annwyl viva durante algum tempo. Morfyd e a antiga magia do dragão haviam curado a moça, reparando os órgãos danificados. E, como mulher, ela podia cuidar das necessidades da garota.

— Pelo que eu soube, ela tem motivos para ficar zangada. Seu pai foi um tirano, e o irmão a odeia desde o dia em que a conheceu.

— Você sabe o motivo? — Fearghus estava cada vez mais fascinado com ela.

— Sei que eles não têm a mesma mãe. A mãe e o pai de Annwyl nunca se casaram. E Lorcan sempre fez questão de

lembrá-la de que era uma bastarda pobre.

— Podemos confiar nela?

— Os homens são leais a ela. E, mesmo evitando-a, as mulheres no vilarejo a respeitam. Confiam a ela as vidas dos seus homens. Mas se nós podemos confiar nela? Não sei, meu irmão. Continua sendo humana.

Fearghus também não estava certo sobre poder confiar nela. Dragões possuíam poderes que superavam os da maioria das criaturas. Porém esses poderes, como a habilidade de utilizar chamas ou de transformar-se em humanos, os mantinham vivos. Seres humanos eram traiçoeiros e perigosos, e matavam os de sua espécie. Não. Seus irmãos contavam com o sigilo. Não revelaria nada a uma mulher que mal conhecia. O fato de tê-la levado ao covil já era um risco que não costumava correr. Poucos sabiam que um dragão vivia no Vale da Escuridão. E aqueles que haviam se deparado com ele no passado tinham sido silenciados. Mas essa não fora uma opção no caso de Annwyl. Ela o fascinava. A bravura, a força, a beleza... Era linda. Alta e forte, tinha os cabelos castanhos com mechas douradas, que ultrapassavam a cintura.

— Ainda estou impressionada por ela tê-lo desafiado daquele modo — Morfyd prosseguiu. — É mais uma prova de que é louca.

Fearghus mal ouvia a irmã. Recordou-se de quando a encontrara. Tinha assumido sua forma humana para remover com mais facilidade a armadura e alcançar o ferimento. Lembrou-se de como seu corpo reagira a ela. Nua, pálida e coberta pelo próprio sangue, havia algo que o atraía. Enquanto ele entoava o feitiço que a manteria viva até a chegada de Morfyd, a garota o observava com os olhos verdes mais escuros que ele já vira. Durante os dias que se seguiram, enquanto cuidava dela, continuava vendo aqueles olhos em seus sonhos, assim como o corpo delgado coberto por cicatrizes de batalhas. Sem fazer esforço, Annwyl prendera sua atenção, e ele não conseguia parar de pensar nela, o que era incomum. Muitas mulheres tinham passado por sua vida durante os mais de duzentos anos de existência. Todas bonitas e bem-educadas. Mas nenhuma o encantara como ela.

— Ela disse que quer voltar aos seus homens assim que

possível — Morfyd informou.

— Eu sei.

— Você estará pronto para isso?

Fearghus apoiou a cabeça sobre as patas.

— Sim, estarei pronto.

Não importava o quão bela Annwyl fosse, não se envolveria com uma garota humana. Deixaria que se curasse e a mandaria de volta para seu povo. E esse seria o fim.

A PRINCESA E O GUERREIRO

Capítulo I

— Solicitou minha presença, rainha Addiena?
A rainha não desviou o olhar do livro que tinha nas mãos.

— É tão difícil para você me chamar de mãe?

Na verdade, era.

— Solicitou minha presença, mamãe?

Suspirando, Addiena colocou o livro de lado e olhou para a filha.

— Adoro seu olhar de escárnio.

Rhiannon, a primogênita da rainha dragão e herdeira do trono, sentou-se sobre as patas traseiras. Tirou a mecha de cabelo branco dos olhos e encarou a mãe de cabelos e escamas vermelhas.

— Podemos acabar logo com isso? Estou ocupada.

— É mesmo? Com o quê?

Droga! Na verdade, não tinha nada para fazer, mas não queria estar ali. Ela e a mãe nunca haviam se entendido. Não se toleravam.

— O que eu faço só diz respeito a mim. Podemos acabar logo com isso?

— Tudo bem. — A mãe aproximou-se um pouco, deixando-a tensa. — Tomei minha decisão.

— Sobre o quê?

— Você. Está na hora de você ter um companheiro. Ser reivindicada. E eu já escolhi alguém. Um dos meus melhores guerreiros. Bercelak, o Grande.

— Bercelak, o Grande? A senhora não quer dizer Bercelak, o Vingativo? Aquele lagarto inferior é sua escolha para mim?

— Riu alto. — A senhora ficou louca!

Os olhos azuis da mãe iluminaram-se perigosamente.

— Ele é o meu escolhido. É quem deve reivindicar você.

O riso de Rhiannon desapareceu diante da expressão fria da mãe.

— Por quê? — Quando a rainha apenas olhou para ela, Rhiannon explodiu. — Não pode ser!

A mente gritava só de pensar em Bercelak, o Vingativo. Todos sabiam que ele era perigoso, malvado e desagradável. Jamais o vira sorrir para quem quer que fosse... exceto para ela. Uma vez. Ele a observava constantemente, ignorando as regras sociais, até ela pedir que parasse de encará-la ou lhe arrancaria os chifres. Ele apenas sorria. Pela primeira e única vez, ele sorria. Ante uma ameaça sua. Isso não podia ser um bom sinal.

Na época, temera precisar proteger-se de uma reivindicação forçada. Eram raras, mas aconteciam. Então, a Guerra dos Dragões começara. Uma batalha pelo poder. Como um guerreiro de sua mãe, Bercelak havia liderado a guerra, e ela nunca mais o vira.

Mas a guerra tinha acabado. O reinado da mãe estava seguro. E, aparentemente, como recompensa pela lealdade do soldado, a rainha presenteara-o com *ela*.

— Já decidi. Faremos uma cerimônia na próxima lua cheia para celebrar a união. Você comparecerá. E deixará que ele a possua.

— Sei por que está fazendo isso. Sei o que planeja. — Odiava o desespero em sua voz. Odiava a mãe. — A senhora teme que eu tome seu trono antes que esteja pronta para abandoná-lo. Teme que, se eu me unir a alguém que não seja leal a senhora, eu possa ter tudo... e a senhora não terá nada. Por isso quer que eu fique com aquele lixo!

— Isso é terrível. Como pode pensar assim de sua mãe?

Rhiannon percebeu, pelo modo como a mãe falara, que estava certa. A rainha a temia. E, por esse motivo, estava disposta a entregá-la como uma escrava humana. Cega de fúria, tentou atacar a mãe, mas os guardas da corte a detiveram.

— A senhora não vai fazer isso comigo! — gritou. — Tomarei seu trono... seu poder e seus tesouros! Vou deixá-la sem nada!

— Vai se arrepender disso.

— Espere e verá!

Rhiannon afastou-se da mãe e dos guardas e partiu.

Bercelak, o Grande, o Guerreiro Dragão da Corte da Rainha, nono filho de Ailean, caminhava pelo lugar onde fora criado. Ao contrário de outros dragões, seu primeiro lar não fora uma caverna, e sim um castelo.

Percorria os corredores, cumprimentando os irmãos enquanto passava. Incluindo ele, eram quinze. Antes de entrar na casa do pai, precisava transformar-se em humano. Ailean insistia. Ele assumia a forma de dragão apenas para lutar ou voar. No restante do tempo, permanecia na forma humana.

Bercelak não compreendia como sua mãe o tolerava. Ele era rude e cruel. Crescer com ele fora um horror para todos os filhos. As filhas tinham tido mais sorte, mas, com o passar do tempo, haviam descoberto que tê-lo como pai as atrapalhava ao procurarem um companheiro. Onde quer que fossem, eram precedidas pela reputação dele.

Agora, Bercelak precisava enfrentá-lo e não sabia o motivo. Ailean exigira sua presença, enviando quatro de seus irmãos para buscá-lo. Não querendo matar ninguém da família, ele fora ao castelo. Mas desejava acabar logo com aquilo e voltar para casa. Com o fim das guerras, ele tinha planos, e seu pai estava atrapalhando. Entrando no escritório, piscou e desviou o olhar.

— Acha que pode se afastar da minha mãe tempo suficiente para dizer-me por que exigiu minha presença? — perguntou.

— Quando você ficou tão tímido, garoto?

Bercelak ouviu a mãe dar um tapinha no braço do pai, o que fazia com frequência. Por causa de Ailean, a mãe permanecia na forma humana, algo que ele não conseguia entender.

— Meu filho — ela disse, pondo a mão em seu ombro.

— Mãe. — Beijou-a no rosto. — Estou contente em vê-la.

— Garoto. — O pai encostou-se à mesa. Por que insistia em chamá-lo assim, Bercelak nunca saberia. Não era humano e não era um garoto. Provavelmente, ele fazia isso porque sabia que o irritava.

— Pai, mandou me chamar?

— Sim. Recebi um recado da rainha hoje.

A mãe ficou tensa, o que sempre acontecia quando alguém

mencionava a rainha.

— Sobre?

— A princesa Rhiannon.

Seu coração se acelerou.

— O que há com ela? — Ele tinha medo de perguntar. A relação complicada entre mãe e filha tomara proporções quase lendárias. E Rhiannon tinha apenas cento e vinte e cinco anos. Pelos deuses, será que a rainha finalmente fizera algo contra ela?

— Ela deve ser sua.

Bercelak franziu a testa mais do que o usual.

— O que isso significa? — a mãe perguntou antes que ele tivesse a chance.

— Significa que a rainha quer que Bercelak seja o companheiro da filha dela.

— Só por cima do meu...

— Shalin — Ailean a interrompeu. — Esta não é uma decisão sua. É do garoto.

— Sim, mas...

— Eu sei como você se sente em relação a Addiena. Mas a decisão é de Bercelak. Não sua. Nem minha. Nem da rainha. — Os olhos prateados se voltaram para ele. — Se você não a quer, diga-me agora, e eu brigarei com a rainha por isso. Faz séculos que não a vejo, mas tenho certeza de que ainda posso ser muito — persuasivo”.

Shalin bufou e virou as costas, mas Ailean continuou:

— Quero que você tenha escolha. Qual é a sua decisão?

Ele não tinha uma decisão a tomar, pois já a tomara havia muito tempo, no dia em que vira a princesa pela primeira vez. Mal completara cinquenta anos, e ela tinha cinquenta e dois. Ele nunca fora à corte antes, e estava com a mãe. Cometera o primeiro erro logo ao entrar no salão, pisando na cauda branca da princesa. Aborrecida, sem esperar por um pedido de desculpas, ela o atacara com a ponta da cauda, mirando seu olho.

Todos os filhos de Ailean haviam sido criados de modo diferente. Bercelak não conseguia se lembrar de um dia em que o pai não o agarrasse pelo rabo e o arremessasse para longe. Ele queria que os reflexos dos filhos fossem melhores do que os de qualquer um. E funcionara. Enquanto outros guerreiros eram

apanhados desprevenidos ou corriam de medo durante as batalhas, Bercelak nunca desistira, nunca temera e nunca fugira. Em vez disso, tinha destruído todos em seu caminho até receber o título de Senhor da Batalha da Rainha, o cargo mais alto que um dragão guerreiro com a sua origem podia obter.

Assim, naquele dia, ao ver a ponta afiada avançando para seu rosto, reagira como estava acostumado a fazer com seus irmãos. Agarrara a cauda, arremessando a princesa pelo salão.

Quando a guarda da rainha o detivera, ele pensou que morreria. No entanto, a rainha tinha outros planos. Ela não se importara com a forma como tratara a filha dela.

Mas ele se importava. Depois disso, havia tentado de tudo para que Rhiannon o perdoasse. Para se aproximar dela. Entretanto, ao vê-lo, ela revirava os olhos e se afastava. Se tentasse falar com ela, bocejava antes de virar as costas.

Por fim, tinha desistido, mas nunca parara de desejá-la. E isso não mudara. Nunca mudaria.

— Ficarei com ela.

— Bercelak! — a mãe exclamou.

— Tudo bem, mãe. Sei o que estou fazendo.

O pai deu um daqueles grandes sorrisos que o irritavam.

— Imaginei que seria essa sua resposta. A rainha disse que ela o estará esperando em seu covil.

Bercelak e Shalin entreolharam-se. Ele teria de ir buscá-la. Afinal, era a princesa Rhiannon. Inclinou a cabeça.

— Estará?

Rhiannon voou assim que saiu da Montanha Devenallt. Voou e voou, determinada a voltar para o próprio covil antes do anoitecer. Tinha muito a fazer, pois sabia que a mãe planejava algum tipo de ataque. Mas seu covil era uma fortaleza. E, com a ajuda dos magos leais a ela, colocaria tantas defesas mágicas em volta do lugar que a mãe nunca conseguiria entrar.

Sobrevoou florestas e vilarejos, castelos e fazendas, e o mar aberto, movendo-se depressa, pois o vento estava ao seu favor. Aproximava-se de uma grande montanha quando sentiu uma coceira na barriga. Sabendo que era sua mãe, procurou igno-

rá-la. Porém, antes que pudesse terminar, o poder dos deuses passou por ela como um relâmpago, derrubando-a.

Desesperada, tentou bater as asas, sem resultado. Olhando para si mesma, gritou, horrorizada. Humana. Sua mãe fizera com que adotasse a forma humana. E ela não conseguia alterar isso! Segundos antes de bater no chão, teve um último pensamento...

Ah, droga!

Bercelak olhou para a mulher nua encolhida na frente de seu covil. Cabelos sujos de sangue e terra, a cobriam, exceto pela estranha marca no ombro desnudo.

Inclinando-se, ele a farejou. Não era um ser humano. Era um dragão na forma humana.

Com o focinho, empurrou-a, virando-a de barriga para cima. Ao ver-lhe o rosto, seu coração acelerou pela segunda vez naquele dia.

Era a princesa Rhiannon. Sua Rhiannon.

Ela estava ensanguentada e ferida. Olhando para o céu, percebeu que ela caíra. Por isso, a rainha dissera que Rhiannon o esperaria em seu covil. Fora ali que ela a derrubara.

Aquilo não podia ser bom. Mas não importava. Ele finalmente tinha sua Rhiannon. E planejava mantê-la... para sempre.

Gritos. Por que tantos gritos?

Rhiannon moveu-se, e os gritos pioraram, mas ela percebeu que os ruídos estavam em sua cabeça. Pôs as garras na testa, na esperança de afastar a dor, mas notou que algo não estava certo. Sua cabeça parecia diferente. Assim como as garras.

Ao abrir os olhos, não viu as poderosas garras brancas que mantinha afiadas. Viu... unhas. Humanas. E as garras às quais aquelas unhas pequenas e inúteis estavam unidas eram... mãos.

Olhando para si mesma, notou que não sonhara. Sua mãe a transformara em humana. Tinha adotado essa forma poucas vezes. Vivia como dragão e nunca compreendera aqueles que não o faziam.

Sabendo que precisava se acalmar, ela respirou fundo.

Quando os gritos em sua cabeça diminuíram, pronunciou o cântico que a transformaria. As cores brilhantes da magia reluziram e... nada.

— A rainha tirou seus poderes.

Virando a cabeça, ela viu o dragão negro que a observava.

— Bercelak — disse com desprezo. Claro, onde mais a mãe a jogaria, a não ser aos pés do único dragão que detestava?

— Rhiannon.

Rosnando, ela obrigou seu corpo humano a sentar-se.

— Você, dragão de raça inferior, deve me chamar pelo meu título. Sou princesa Rhiannon para você.

Ele a fitou com a carranca típica, e então bufou.

— Você pode ser princesa. Mas, no momento, é uma princesa sem poderes ou garras. — Andou até ela. — Você é humana. Sem asas. Não há como escapar de mim. Foi bom eu tê-la reconhecido ou você teria sido uma bela refeição. — Aproximou-se mais. — A pele macia e os ossos frágeis... Não podemos deixá-la solta neste mundo cruel tão indefesa. Vai precisar que eu cuide de você, que a proteja. Como eu fiz hoje. Se não fosse pelas habilidades que minha mãe me deu e pelo que aprendi no campo de batalha, não teria conseguido curá-la.

— Não preciso de nada de você, Bercelak, filho da Escória.

Ele parou de se mover, e os olhos frios e negros se fixaram nela.

— Nós não somos parentes, somos?

— Seu... — Surpresa por ele ousar falar com ela daquela maneira, ela se levantou. Sua cabeça piorou, mas não se importava. Não deixaria o bastardo arrogante tratá-la assim. Ninguém a tratava assim. — Ouça-me bem, ser de raça inferior, não pense que eu não vou arrancar seu coração e usá-lo na minha cabeça... como um chapéu.

Bercelak lançou-lhe um feitiço. Chamas envolveram o dragão e desapareceram, deixando apenas a forma humana. E, pelos deuses, que forma humana! Como era um dragão de batalha, os cabelos negros eram mais curtos que os da realeza. Também tinha muitas cicatrizes, algumas em lugares bem interessantes. Havia uma sobre o olho. Ah, e os olhos... negros e impenetráveis, a encaravam sob as sobrancelhas escuras. Mas o corpo...

Nunca imaginara que o corpo humano pudesse ser tão agradável. Especialmente o masculino. Todos aqueles músculos. Tudo era perfeito. O rosto, o corpo, as cicatrizes.

Rhiannon olhou para ele enquanto se aproximava, forçando-a a recuar até a parede da caverna. Estremeceu ao sentir as rochas na macia pele humana que começava a detestar. Sentia-se fraca e indefesa.

— Diga-me, princesa, você acha que alguém virá resgatá-la de mim? Sou tudo o que você tem. Até sua mãe a abandonou.

— Ela me abandonou há muito tempo.

A expressão dura no rosto dele suavizou um pouco.

— Eu sei. E isso a magoa.

Rhiannon deu uma risada cruel.

— Nada me magoa, dragão de raça inferior. Nada.

— Como isso é possível?

Por alguma razão, ele parecia importar-se com sua resposta.

— Quando você para de sentir, isso é bem possível.

— Não quero magoá-la, princesa. — Tocou-a no rosto. — Mas quero que você sinta. Quero que sinta tudo quando está comigo.

— Ora, por favor, ser de raça inferior. Não tente me seduzir. — Colocando as mãos contra o peito dele, empurrou-o e se afastou da parede. — Não sou uma criança. Fui seduzida pelos melhores. — Olhou para ele de cima a baixo. — Aqueles de sangue real. E sinto dizer que você deixa muito a desejar.

— A minha falta de sangue real realmente aborrece você?

— Não. Insulta-me — ela respondeu com sinceridade. — Você é o melhor que minha mãe poderia encontrar? Eu não sou um brinquedo, para ser jogado ao cão de batalha favorito dela. Tenho sangue real. Sou filha de um rei. Mereço alguém melhor do que você. Agora, ser de raça inferior, você vai acompanhar-me até a saída mais próxima.

Bercelak moveu-se tão rápido que ela nem teve a chance de se mexer. Ele deslizou as mãos em volta de seu pescoço, mantendo-a no lugar. Achou que ele iria sufocá-la. Infelizmente, não seria a primeira vez que enfrentava esse tipo de situação. Em vez disso, fitou-a intensamente.

— Quando eu terminar — ele disse em voz baixa —, você não será capaz de imaginar a vida sem mim. Ansiará por mim,

me desejando como nunca desejou nada antes. Vai sentir minha falta quando eu partir e desejar-me quando estiver ao seu lado. Nenhum outro homem será bom o suficiente. Nenhum outro será digno de tomar seu corpo e dar-lhe mais prazer do que você jamais sonhou. E quando você estiver em êxtase, gritando meu nome, implorando para ser minha, reivindicarei você. E seu coração e alma pertencerão somente a mim. Mas, até que chegue esse momento, princesa, você não vai a lugar nenhum. — Então ele se afastou.

Bercelak jogou a carcaça de uma vaca no chão e olhou para Rhiannon, pensativo. Se ela fosse dragão, simplesmente se alimentariam. Mas, como era humana, precisaria se adaptar. Ao menos até que recuperasse os poderes.

Assim, usando as garras com cuidado, retirou a pele do animal, atirando-a de lado, e colocou-o sobre o fogo. Escolhendo algumas das melhores ervas, temperou a carne. Com um suspiro, sentou-se e, observando as chamas, começou a refletir.

A princesa Rhiannon era cruel como ele se lembrava, e isso só o fazia desejá-la mais. Não era de surpreender. Dragões gostavam de fêmeas perigosas. Tornava o acasalamento mais interessante e intenso. Claro, chamá-lo de “ser de raça inferior” estava começando a irritá-lo. Ninguém precisava lembrá-lo do pai.

Lembrou-se do dia em que a conhecera...

— Quero a cabeça dele! — Rhiannon gritou, com raiva.

— Deixem-no em paz. Minha filha está exagerando.

A fêmea vermelha, grande e linda, caminhou na direção dele.

— Ele não fez de propósito, Rhiannon.

Shalin curvou-se, mas ele continuou a olhar para a rainha. Addiena fez sinal para que os guardas o soltassem.

— Filho de Shalin.

Uma vez livre, ele se curvou de imediato.

— Sim, minha rainha. Bercelak, o filho de Ailean.

— Sim, você se parece muito com ele. Tão bonito.

Quando a pata vermelha acariciou-lhe a mandíbula, notou que a mãe ficou tensa. Sabia que a rainha estivera na cama de seu pai e que nunca o esquecerá, nem o perdoara. Ele abandonara

a futura rainha para ficar com Shalin.

Até aquele dia, Bercelak não tinha acreditado nessa história. Parecia improvável que o pai de nascimento humilde tivesse tido algo com uma princesa. Porém, ao olhar para a fêmea diante de si, pensou que talvez fosse tudo verdade, pois ela o fitava de um modo inexplicável.

— Diga-me, filho de Ailean, qual é o seu sonho? Ser feiticeiro? Guerreiro? Forjador de espadas? O que passa pela sua cabeça nas noites insones?

— Glória e riqueza. Poder — ele respondeu honestamente.

— Compreendo. Você pode ser parecido com seu pai, mas as aspirações dele nunca foram tão altas. — Olhou para Shalin, mas ele não percebeu, até anos mais tarde, o significado daquele olhar. — Você deve ficar aqui, filho de Ailean. Deve treinar para ser um dos meus dragões de batalha. Você protegerá este trono e a mim. — Em seguida, ela se foi. Subiu as escadas para seus aposentos.

A princesa olhou para ele, antes de retirar-se com muita raiva.

Uma vez que a atividade recomeçou na corte, ouviu sua mãe resmungando:

— Eu odeio essa mulher.

Ainda assim, a mãe deixou-o lá e voltou para casa. Não tinha escolha. Depois disso, a filha da rainha o tratou como lixo. E, quanto mais ela agia assim, mais ele sabia que faria qualquer coisa para conquistá-la. Logo, com o nome de Bercelak, o Vingativo, liderou os soldados para a guerra contra os dragões de raios, os bárbaros. Podiam ser bárbaros, mas eram adversários à altura. A guerra durou décadas, mas, quando acabou, o trono da rainha Addiena estava seguro, e ele havia conquistado o título de Bercelak, o Grande. Justo. Merecera aquilo e tinha as cicatrizes para provar.

Agora, usava os títulos de Senhor da Batalha, Guerreiro Dragão Líder e Campeão da Rainha. Tinha a atenção de todas as mulheres, da mais simples a mais nobre. E, embora encontrasse prazer naqueles corpos, queria apenas uma para ser sua companheira.

— Preciso me alimentar. Estou faminta.

Afastado de seus devaneios, ele olhou para a princesa e

franziu a testa.

— Você está vestida.

Ela usava um manto azul-claro, que devia ter encontrado entre seus tesouros. Estava coberta dos ombros aos pés. Embora a cor do manto lhe destacasse os olhos, gostava de vê-la nua. Todavia, talvez fosse melhor esconder aqueles seios deliciosos e o lindo traseiro. Pelo menos por enquanto.

— Esta pele é tão frágil... Não sei como a aguentam. Ao menos os animais da floresta têm presas ou garras ou, no mínimo, instintos apurados. Os seres humanos não têm nenhum desses atributos.

— Alguns têm.

— Você gosta deles? — Ela não soava arrogante, apenas curiosa.

— Não muito. Considero-os traiçoeiros e aborrecidos. Mas, com o tempero certo, são deliciosos.

— Isso é verdade.

Bercelak estava apenas brincando.

— Parece que você acabou de concordar comigo, princesa?

Assustada, ela piscou.

— Bem... não. Não, claro que não. — Afastou-se. Olhou para ele, com a cabeça erguida. — Estou com fome.guardo a comida.

— Então é melhor você se mexer. As batatas e os vegetais estão ali. Há panela para cozinhá-los e água fresca. Boa sorte.

— Você... espera que eu cozinhe o alimento?

— Eu fiz a parte mais difícil. Fui até a fazenda, assustei o fazendeiro e peguei a vaca. Então eu removi o couro e coloquei-a no espeto. O mínimo que você pode fazer é cozinhar alguns vegetais. Comeremos como humanos. Com pratos, talheres e uma mesa.

— Mas eu não sei cozinhar.

— Então, é melhor você aprender, princesa. Não gostaria de vê-la morrer de fome.

Rhiannon o desprezava. Rude, arrogante, dragão de raça inferior! Seria essa a sua vida de agora em diante? Presa a um

corpo humano, forçada a cozinhar para um camponês com cara de zangado?

— Não vejo seu belo traseiro se movendo, princesa.

Fitou-o, prestes a mandá-lo para o inferno, quando o estômago roncou. Pelos deuses! Que som era aquele? Estava morrendo? Olhou para a barriga e, pela primeira vez, ouviu Bercelak rir. O mais chocante foi que gostou do som.

— Você só está com fome, Rhiannon — ele falou com gentileza. — Faça o que eu disse, e vamos comer logo. Eu prometo.

Aborrecida, ela dirigiu-se ao fogo. Havia algumas batatas e outros vegetais ao lado de uma grande panela cheia de água. Agachando-se, observou a comida. Na verdade, observou a comida durante cinco minutos, até que percebeu a aproximação dele.

— O que exatamente você está fazendo?

— Decidindo qual será meu plano de ação.

— Você precisa de um plano para cozinhar as batatas?

— Para tudo na vida é necessário um plano. Não faço as coisas aleatoriamente, esperando que tudo saia bem.

— E onde está a graça disso? A diversão?

— Diversão? — Olhou para ele. — E o que você faz para se divertir?

— Muitas coisas.

— E essas coisas envolvem matar?

— Às vezes — ele resmungou. — E o que você faz para se divertir?

— Eu gosto quando os aldeões perto do meu covil fogem de medo. — Ela sorriu. — Toda aquela gritaria.

Bercelak balançou a cabeça e a ponta do focinho roçou em seu corpo humano.

— Acho que já é alguma coisa.

O dragão recostou-se, voltando a atenção para a carcaça. Rhiannon teve que admitir, pelo menos para si mesma, que a comida cheirava bem. E, droga, ele também.

— Devo dizer, princesa, que estou surpreso por você não ter sido capaz de mudar de forma ainda.

— Minhas habilidades sempre foram mais fracas do que as da minha mãe.

— Isso é estranho. Dragões brancos são conhecidos por seus poderes.

— Bem, aparentemente sou a exceção à regra. — Olhou para a batata. Um vegetal de aparência estranha. — Minha magia sempre foi muito inferior à da maioria dos dragões. Um dos magos que me treinou disse que eu era a mais fraca da ninhada.

— É uma coisa cruel de se dizer. Posso matá-lo para você, se quiser.

Rhiannon mal conseguiu conter o sorriso de surpresa. Ninguém jamais se oferecera para matar alguém para ela. Pelo menos ninguém em quem acreditasse. Mas acreditava em Bercelak.

— Não. Isso não é necessário. Ele apenas falou a verdade.

— Há uma diferença entre dizer a verdade e ser um completo cretino.

— Sabe, você não é... — ela interrompeu-se, mas os olhos negros do dragão se viraram para ela de imediato.

— Eu não sou o quê?

— Bem... você não é como eu imaginava.

— E o que você imaginava?

— Para usar as suas palavras, um completo cretino, eu acho. — Definitivamente não alguém que lhe cozinhasse uma refeição. Ele não gritara com ela. Tinha esperado que fosse mais brutal, que não ficasse feliz até vê-la chorar... o que ela jamais faria.

— Eu posso ser, durante a batalha. Não sinto necessidade de ser assim quando estou em casa.

Espremendo a batata para ver se era suculenta como fruta, ela murmurou:

— Alguns dizem que você é cruel e insensível. E não apenas com os inimigos.

— E quem diz essas coisas?

— Você quer que eu diga para que possa ir atrás dele? Eu não me esqueci de que, antes de ser Bercelak, o Grande, você foi Bercelak, o Vingativo.

— Você sabe como recebi esse nome?

— Não. — Não devia se importar, mas estava curiosa.

— Por causa de Soaic.

Ah, Soaic! Tivera um romance com ele. Fora bom, mas não memorável. Além disso, ele a temia. Todos a temiam. Na verdade, sua reputação não era muito melhor do que a de Bercelak,

e ela nunca acordara com o dragão com quem tinha ido dormir. Eles escapavam furtivamente, como se temessem que ela despertasse e os matasse por divertimento.

— Sim. Soaic. Ele teve muito a dizer a seu respeito.

— Foi o que imaginei. Sabe aquela cicatriz que Soaic tem na traseira direita? A única que nem mesmo as escamas escondem?

— Sim. É resultado da batalha de...

— Eu sou o responsável pela cicatriz.

— Por que você fez isso? — Sem saber o que fazer com a batata que segurava, ela a colocou dentro da água.

— Você a limpou?

— Eu deveria limpá-la?

— Nunca cozinhou mesmo antes?

— Eu não apenas sou uma princesa, e por isso não preciso cozinhar, como sou um dragão. Sempre há gado à minha disposição. Por que eu perderia tempo cozinhando?

— Você nunca passou algum tempo com os humanos?

— Só quando converso com eles antes de comê-los. Mas não faço isso com frequência. Quando eles começam a soluçar, é mais difícil ter uma refeição tranquila.

Bercelak riu. Ele nunca rira de nada ou, ao menos, esse era o boato na corte. Mas ela o fizera rir duas vezes. Rhiannon esforçou-se para conter um sorriso de orgulho.

Ao vê-lo vestir calças pretas, franziu o cenho. Não entendia por que se vestia. Percebendo sua expressão, ele disse:

— Confie em mim, princesa. Será muito mais fácil se eu estiver vestido.

Rhiannon virou-se e, fechando os olhos, esforçou-se para ignorar a beleza dele. Todas aquelas cicatrizes de batalha apenas a acentuavam. Nunca reagira dessa forma diante de um macho, dragão ou humano. Talvez fosse uma reação do corpo humano, que precisaria tolerar. Não tinha certeza, mas sabia que não gostava da sensação.

— Você não me disse por que atacou Soaic.

— Ele falou mal de meu pai. — Bercelak tirou a batata da água fervendo, colocando-a de volta na pilha. — Eu não permito que ninguém fale assim de meu pai.

— Você permitiu que eu falasse. — Rhiannon estremeceu.
E se ele não tivesse notado?

— É verdade, mas eu não tinha intenção de acasalar com Soaic.

Devagar, Rhiannon virou-se para ele. Embora não a tocasse, estava perto. Sentia o cheiro dele, que era bastante agradável.

— Nós, dragão de raça inferior, não vamos acasalar.

— Sim, nós vamos.

— Não. Não vamos.

— Por quê? — Ele parecia perplexo. — Você nunca...

— Antes de você terminar essa afirmação, não. Eu não sou virgem. Deixo a virgindade feminina da realeza para os humanos.

— Então, eu não compreendo porque você está tão determinada contra a nossa união. Nós dois somos atraentes e estamos em idade reprodutiva. Somos inteligentes e dignos um do outro. Não entendo qual é o problema.

— Você achou que as ordens da minha mãe fariam com que eu viesse até você de bom grado?

— O que sua mãe tem a ver nisso? — Ele franziu a testa, confuso.

— Só estou aqui por causa dela.

— É verdade. Mas você vai ficar, princesa, por minha causa.

Rhiannon riu. Dragões eram arrogantes por natureza, mas aquele fazia os outros parecer inseguros.

— Ficarei? E por que eu faria isso? — Olhou ao redor do covil simples de um dragão de batalha que nunca estava em casa. — Sua grande riqueza? Sua posição real? Que motivo eu teria para ficar, além deste corpo humano que não pode voar?

Sabia que o estava provocando, mas não conseguia se conter. E, quando ele não respondeu de imediato, ficou desapontada. Tinha acreditado que ele estaria à altura do desafio, ao contrário dos outros na corte de sua mãe. Era uma pena estar enganada.

— Foi o que eu pensei. — Virou-se e se afastou. Ele que preparasse as próprias batatas.

Entrelaçando os dedos em seu pescoço, ele a puxou de encontro ao corpo forte e fez com que o fitasse. Não foi violento, nem brutal. Apenas demonstrou... controle. E ela gostou.

— Não me dê as costas enquanto estamos falando — ele

disse com calma. — Se você me faz uma pergunta, precisa me dar tempo para responder.

— Deixe-me ir.

— Não até terminarmos. Você perguntou o que eu poderia oferecer-lhe para que ficasse comigo. O que posso oferecer é alguém digno de você. Alguém que possa lidar com você. Eu não temo a sua fúria. Não temo sua língua ferina. Na verdade, até gosto. Quanto mais cruel, melhor.

Rhiannon abriu a boca para dizer alguma coisa, mas ele puxou de leve seus cabelos, fazendo-a gemer.

— Exceto — ele continuou — quando acasalarmos. Então, você se entregará a mim por completo. Permitirá que eu faça o que quiser com esse corpo. Seja humano ou dragão, porque brincaremos com os dois, princesa. Brincaremos muito.

Ele exibiu um sorriso largo, que revelava os dentes brancos, bem como o mais belo rosto humano que ela já vira.

— Isso não quer dizer que você não deva lutar de vez em quando. Não me importo com algumas cicatrizes feitas por você. Mas, no final, você se submeterá a mim, por vontade própria, feliz, e com um sorriso nesse lindo rosto. E, quando você governar como rainha, estarei ao seu lado. Serei seu cônjuge. Seu dragão de batalha. Protegerei você e seu trono. Você ostentará minha marca com orgulho. Juntos, teremos filhos e filhas que darão continuidade à nossa linhagem. Seremos um casal temido. E, quando encontrarmos nossos ancestrais no outro mundo, passaremos a eternidade juntos. — Deslizou a mão por seu rosto e pescoço, até inseri-la sob o manto e segurar de modo firme, porém suave, seu seio. — Isso é o que faremos, princesa. E é por isso que você deve ficar.

Rhiannon ofegou ao senti-lo acariciar o mamilo sensível.

— Você vai me amar — ele disse. — Eu prometo.

A boca dele aproximou-se, e ela ergueu o queixo, à espera de um beijo. Bercelak apenas roçou seus lábios e disse:

— Agora, vou ensiná-la a fazer batatas cozidas, para que possamos comer.

Ele a soltou e afastou-se. Rhiannon fitou-o em choque, enquanto ele se abaixava ao lado da panela de água fervente.

— Você precisa limpar a batata antes de cortá-la.

E, pela primeira vez na vida, Rhiannon não sabia se matava ou chorava. No momento, estava certa de que poderia fazer os dois.